

ESPORTES



FABIANO DO AMARAL

Jogo de ida das quartas de final da Copa do Brasil acontecerá no Beira-Rio, na próxima quinta-feira

A disputa antes do Gre-Nal que ninguém quer ganhar

O favoritismo carrega outros fatores no tenso ambiente das vésperas do clássico

JOÃO PAULO FONTOURA

jfontoura@correiodopovo.com.br

Além dos próprios compromissos do fim de semana, é a situação delicada na tabela do Campeonato Brasileiro que impede o assunto Gre-Nais da Copa do Brasil de dominar as discussões. No entanto, assim que terminarem os jogos contra Atlético Mineiro e Bragantino, personagens de Inter, no sábado e Grêmio, no domingo, estarão expostos ao tema inevitável a cada vez que eles se encontram: o favoritismo. Mais do que isso, como lidar com ele. O peso quando pendido para um dos lados da balança carrega com ele um receio, nem sempre admitido publicamente, de assumi-lo até a bola rolar.

"Existe porque tem uma máxima de que geralmente o favorito perde. O Ibsen Pinheiro tinha outra máxima de que Gre-Nal arruma ou desarruma a ca-

sa. Quem perder vai ter uma decepção grande. O momento desse duelo é inapropriado para a fase que atravessam as equipes", opina José Evaristo Villalobos, ex-assessor de imprensa do Inter. O mesmo caminho reconhece Sérgio Schueler, outro pioneiro na área assim como o amigo Nobrinho, como é conhecido o ex-colega de função.

"Acho que sim. Como é um clássico e os clubes são de uma mesma cidade, qualquer declaração pode ser usada de combustível para a partida. Sem contar que dependendo do resultado, os dias seguintes ao jogo podiam ser de muita cobrança para quem tivesse assumido o favoritismo que não se cumprisse", relembra Serginho.

Experientes, com anos de serviços prestados nos melhores e piores momentos dos vestiários de Beira-Rio e Olímpico, os dois jornalistas fizeram parte de uma época diferente da atual com maior exposição de jogadores,

treinadores e dirigentes à imprensa no dia a dia. Porém, eram tempos sem redes sociais em que a cobrança é mais imediata do torcedor, por exemplo. O que não muda, segundo os dois, é que a preocupação interna com os acontecimentos externos não é suficiente para que uma voz de liderança tome à frente e passe aos subordinados uma diretriz no ambiente tenso que antecede esse tipo de partida.

"Quem orientava os 'superiores' (dirigentes políticos) era eu. Nem sempre as orientações eram seguidas. A gente pisava em ovos. Qualquer palavra, frase ou atitude fora do lugar podia gerar uma crise com graves consequências", revela o gremista, num sentimento de certa forma compartilhado do colorado: "Na verdade eles, os dirigentes em geral, nunca entenderam o nosso trabalho. Os ex-presidentes Fernando Carvalho e Giovanni Luigi eram os mais sensíveis nesse sentido".

LIBERTADORES E SUL-AMERICANA

Quinteto brasileiro em situação distinta

A quinta-feira reserva a participação de cinco clubes brasileiros na briga por vagas nas quartas de final das duas principais competições do continente. Cada um vive uma situação distinta nos confrontos após os resultados da semana passada.

Na Libertadores, o Mirassol vai precisar suportar os 2,850 metros de altitude de Quito para voltar para o Brasil classificado diante da LDU. Será o

quarto jogo entre os times, que venceram uma partida cada e empataram a outra. Em São Paulo, o Corinthians terá a Fiel torcida a seu favor, estimulada pela renovação de contrato de Memphis Depay, para tentar vencer o Rosario Central depois do 0 a 0 na Argentina.

Pela Sul-Americana, o Santos, preocupado com o Brasileiro, abriu mão de Neymar e Gabigol para tentar administrar

diante do Macará, no Equador, a vantagem do 2 a 1 da ida, na Vila Belmiro. Em Assunção, o Vasco visita o Olimpia depois do 0 a 0 em São Januário. Assim como o Peixe, o Cruzmaltino está mais atento ao Brasileiro. Por fim, no Rio de Janeiro, o Botafogo recebe o Cienciano praticamente para cumprir tabela. O 6 a 1 no Peru torna a volta um teste de fé para o torcedor do Glorioso.

Clube
CORREIO DO POVO



HILTOR MOMBACH

CARLOS CORRÊA | INTERINO
ccorrea@correiodopovo.com.br

Gre-Nal com torcida visitante

Nessa quarta-feira, entrevistei os diretores Belisário Franca e Tatiana Sager. Ambos são os realizadores de "Gre-Nal: O Maior Clássico das Américas", documentário que será exibido hoje à tarde no Festival de Cinema de Gramado. A produção chega aos cinemas do Rio Grande do Sul na segunda quinzena de setembro – depois, no início de outubro, entra em circuito nacional. Foi interessante ver algo sobre o clássico fora da rotina do noticiário, ainda mais tão perto de dois jogos que prometem ser decisivos na Copa do Brasil. Sou um fã de documentários, o gênero que talvez mais trabalhe pela preservação da memória. Entre os inúmeros tópicos abordados no filme, algo em especial bateu diferente em mim: a lembrança de como eram especiais os clássicos Gre-Nais quando pelo menos um terço dos estádios eram ocupados pela torcida visitante.

Respeito

Um Gre-Nal lotado era sinônimo de festa das duas torcidas – pelo menos antes de a bola rolar. Se hoje a torcida visitante está restrita a um cantinho, cercada por redes, até o início dos anos 2000, colorados ocupavam uma longa faixa do Olímpico e gremistas o mesmo no caso do Beira-Rio.

Sócios

Hoje, destinar algo na casa de 10 mil ingressos para os visitantes em um clássico tornou-se impensável. Para além da questão da violência entre torcidas, há outro impedimento: o número de sócios aumentou muito. E não há como justificar abrir mão de tantos lugares justo com quem paga o clube.

MAURO SCHAEFFER



A Copa na Capital

Hoje pela manhã, a Fifa divulga quantos jogos cada cidade terá na Copa do Mundo Feminina, no ano que vem. Salvo surpresas, Porto Alegre vai sediar sete partidas, sendo seis pela primeira fase. Abertura e final nunca estiveram no radar, mas a Capital buscava receber pelo menos uma semifinal, o que complicou quando as negociações para ter a Arena como campo de treino demoraram para ter uma definição.

Privacidade

Da semifinal em diante, a Fifa exige que a cidade ofereça campos em que as seleções tenham certeza de privacidade para realizar seus treinos. O que, na prática, significa a exigência de dois estádios. O Grêmio ofereceu apenas o CT das Mosqueteiras, que não oferece a mesma privacidade que a Arena.

Idioma

Uma das preocupações da Secretaria Extraordinária da Copa (Secopa) é com a preparação da rede hoteleira e do comércio em geral com os turistas. O domínio de idiomas como inglês e espanhol ainda está longe do ideal. A questão deve ser abordada nos próximos encontros sobre o Mundial.